

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Carvão na veia.....	2
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	4
Título: “Não vai ser fácil para Trump causar danos ao ambiente”	4
Título: Muy rico	6
Título: Tijolo com tijolo	7

VEÍCULO: O Globo**Seção: Opinião****Autor: Dorrit Harazim****Título: Carvão na veia**

Nada supera a promessa de futuro retrógrado do decreto ao qual Donald Trump deu o nome de Independência Energética

E no 70º dia, ele criou a treva. Ele, no caso, é o presidente dos Estados Unidos.

Esta semana Donald Trump conseguiu superar William Henry Harrison, nono ocupante da Casa Branca (1841), como tendo o pior desempenho da História em início de mandato. Uma marca e tanto, considerando-se que Harrison morreu de pneumonia um mês depois de desfilar a cavalo sem chapéu nem capote no dia glacial da posse.

É hábito conceder uma trégua de cem dias a todo novo governante antes de formular uma primeira avaliação do funcionamento das mudanças na engrenagem do poder. A presidência Trump, porém, tem se revelado tão atípica, convulsionada e acelerada que acaba provocando duas sensações opostas. De um lado, a de que ele está no poder há bem mais do que cem dias, tamanhos foram os estragos já causados ou enunciados. De outro lado, a impressão de que o homem sequer ainda tomou realmente posse como 45º chefe da nação — se é que algum dia o fará em moldes menos estridentes com as instituições democráticas.

Sua popularidade oscila entre o índice anêmico de 36% de aprovação nacional e os mirabolantes 93% de confiança que a National Association of Manufacturers (14 mil empresas, 12 milhões de empregos) lhe devota. Segundo entendidos, isso refletiria a percepção econômica na era Trump: pesquisas e índices de soft data apontam confiança, ao contrário dos chamados hard data de atividade econômica real (consumo).

O problema maior da jovem presidência é que nenhum dos sucessivos imbróglios consegue ser resolvido ou colocado de lado. Ao contrário, vão se acumulando e encravando num cipoal de fios desencapados. A segunda versão do decreto sobre imigração bloqueado pela Justiça não desencrua. O fracasso da primeira tentativa de derrubar o Obamacare, a odiada reforma da saúde implantada pelo seu antecessor, tirou-lhe o prumo. “Saúde é tema complexo”, chegou a admitir.

Ficou amuado, avisou que não mexeria mais no assunto e deixou confusos os cidadãos que tem a responsabilidade de liderar. Entrementes voltou atrás. “Será

coisa simples”, garantiu no dia seguinte, com a convicção de um vendedor ambulante.

Também entrementes nomeou assessora oficial não remunerada a filha mais velha, Ivanka, que durante a campanha descartara a hipótese de vir a ocupar qualquer função na Casa Branca do pai. A empresária agora sujeita às normas aplicadas a funcionários federais passa a ocupar um gabinete na Ala Oeste e tem acesso a material confidencial do governo.

Ao lado do marido, Jared Kushner, o mais influente dos assessores especiais do presidente, Ivanka forma um núcleo de poder familiar que a democracia americana pensou ter banido desde os tempos em que o presidente John F. Kennedy nomeou para procurador-geral o irmão Robert.

Nada, porém, supera a promessa de futuro retrógrado do decreto ao qual Trump deu o nome de Independência Energética, assinado esta semana. O evento, que levou às lágrimas mineiros de carvão convidados para a cerimônia, é cruel por enganoso, e constrangedor por colocar os Estados Unidos na rabeira do curso de sua própria história ambiental.

Recentemente, a revista “Time” lembrou uma capa da década de 1960, na qual retratara a “implacável degradação de um continente outrora virgem”. A poluição do ar havia causado 400 mortes em Nova York em apenas um ano, o oxigênio começara a sumir no centro das águas do Lago Erie, cientistas anunciavam a relação entre emissões de gás carbono e deformações em recém-nascidos, o Rio Potomac da capital fedia. O mundo acordava para o planeta que ocupava.

O presidente que ocupava a Casa Branca também. Apesar de ter problemas de sobra com o atoleiro da guerra no Vietnã, Richard Nixon não apenas criou a Agência de Proteção Ambiental (EPA, na sigla em inglês) como elencou o tema como prioridade nacional em 1970:

“É agora ou nunca, literalmente”, comunicou à nação em seu discurso sobre o estado da União. “A grande questão é saber se vamos capitular ou se vamos fazer as pazes com a natureza e começar a reparar os estragos que causamos ao ar, à Terra e às nossas águas. Restaurar a natureza a seu estado natural é uma causa que ultrapassa partidos e facções. Torna-se uma causa comum a todos neste país...”

Enviou uma dúzia de instruções ao Congresso, fez 23 recomendações para a regulamentação de problemas específicos e estimou por alto o custo do saneamento geral em US\$ 100 bilhões. Foi o pontapé para o país iniciar a lenta jornada que desembocou em 2015 na promoção, junto com a China (os dois

maiores poluidores mundiais), do festejado Acordo de Paris sobre redução de emissões de gases de efeito estufa, assinado por 195 nações.

A depender de Donald Trump, tudo isso pertence ao passado. “No que se refere à mudança climática”, avisou o novo diretor de Orçamento da Casa Branca, Mick Mulvaney, “o presidente foi muito claro: não vamos mais gastar dinheiro com isso. Consideramos que seria um desperdício”.

O decreto de Trump promete ressuscitar a cambaleante (e poluente) indústria do carvão, e devolver aos mineiros milhares de postos de trabalho fechados. Só que esse setor da economia nada mais tem a ver com os tempos da balada “Coal Miner’s Daughter”, de Loretta Lynn. Ele vem sendo substituído por gás natural e energia renovável, e sua mão de obra pela mecanização. Engenheiros já projetam gigantescas escavadeiras autodirigíveis que dispensam até mesmo operadores à distancia. Ademais, os Estados Unidos não importam carvão.

A canetada ambiental de Trump desmantela o conjunto de regulamentos que compunham o Plano de Energia Limpa de seu antecessor e elimina vários decretos de combate a mudanças climáticas assinados por Obama. Para sorte do planeta, sequer as grandes corporações mais poluidoras quiseram se alinhar.

A ExxonMobil, a maior petroleira mundial, atualmente sob investigação por ter escamoteado dados sobre danos ambientais, exortou Trump a cumprir o Acordo de Paris. Alguém deveria lhe dar um exemplar de “Germinal”, de Émile Zola.

Dorrit Harazim é jornalista

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Marcos Augusto Gonçalves

Título: “Não vai ser fácil para Trump causar danos ao ambiente”

O decreto assinado pelo presidente Donald Trump, que anula medidas ambientais de seu antecessor, Barack Obama, foi recebido com uma chuva ácida de críticas por parte de ambientalistas e com a previsível aprovação de empresas ligadas à exploração de combustíveis fósseis.

"As medidas são ruins para o país e para mundo, mas não vai ser tão fácil Trump causar o estrago que ele pretende", diz Steve Schwartzman em entrevista à Folha.

O antropólogo, que já trabalhou no Brasil, é um dos diretores do Fundo de Defesa Ambiental, uma das maiores organizações ambientalistas dos EUA e do mundo, com 2 milhões de associados e um staff de 550 cientistas.

Além da já anunciada batalha judicial em torno do decreto de Trump, Schwartzman afirma que muitos Estados, como a Califórnia, manterão programas de corte de emissões de gases e de exploração de energia renovável. Além disso, fontes alternativas têm se revelado mais baratas em diversas regiões do país.

Folha - As medidas de Trump representam um recuo em relação a compromissos que os EUA assumiram na área ambiental. Há risco de o país abandonar o Acordo de Paris, que prevê cortes nas emissões?

Steve Schwartzman - O ataque de Trump às políticas de Obama é um grande retrocesso e aumenta o risco de catástrofes climáticas no mundo. O problema maior não é se os EUA saem ou não do Acordo de Paris, já que, para conter o aquecimento abaixo dos 2 graus, patamar que a ciência indica como o mínimo necessário, todos os países precisam cumprir tudo assinado em Paris –e ainda assumir metas mais ambiciosas. O governo Trump certamente não fará isso. Essa política terá custo grande para os EUA, em termos de perda de credibilidade e liderança. Fará a influência do país diminuir e a da China aumentará. Os EUA podem perder espaço e competitividade no campo das tecnologias de baixo carbono e energia renovável. É uma política troglodita, ruim para os EUA e para o mundo.

Apesar da tentativa do presidente de aumentar o investimento em carvão e combustíveis fósseis, com o argumento de ampliar a oferta de empregos, o fato é que boa parte do mercado já investe no desenvolvimento de fontes renováveis. Isso não é irreversível?

O próprio CEO da maior empresa carvoeira privada nos EUA, a Murray Coal, disse que Trump precisa redimensionar sua expectativa de aumento de empregos na mineração de carvão. Não há como isso acontecer em escala relevante. O carvão está em franco declínio, por motivos que nada têm a ver com regulação ambiental, mas com a queda dos custos do gás natural e outras fontes renováveis, que em muitas regiões dos EUA já são menores do que os custos do carvão. E a indústria carvoeira está num processo secular e irreversível de mecanização. As centenas de milhares de ex-mineiros de carvão precisam de alternativas novas, não de mais demagogia.

Ao que tudo indica haverá uma batalha judicial em torno do decreto.

Sim, é mais do que provável que o governo Trump enfrentará duros questionamentos na Justiça. Para começar, todas as políticas que ele quer desmanchar resultaram de extensos processos regulatórios que envolveram longas consultas públicas. Nenhum presidente pode simplesmente desfazer essas políticas com uma canetada –ele teria que fazer o processo inverso, com o devido espaço e tempo para consulta pública, e demonstrar por que o país não precisa

mais da regulação. No caso da política de mudança climática, a Suprema Corte já decidiu que cabe à Agência de Proteção Ambiental regular emissões dos gases que provocam o efeito estufa, por ameaçarem a saúde dos americanos. O governo precisaria apresentar uma alternativa. Se não é o plano do Obama, o que será?

Vários Estados americanos têm leis e programas ambientais próprios que devem ser mantidos. Isso não minimiza os efeitos do decreto?

Temos 29 Estados com políticas de apoio à energia renovável, maior eficiência nos combustíveis para transportes e outras do gênero, e nenhum disse que vai desistir. Ao contrário, 18 procuradores estaduais decidiram ir à Justiça defender o plano de Obama. O governador da Califórnia, que é a sexta maior economia do mundo, disse claramente que o Estado não vai recuar em nada. Falou que se Trump, por exemplo, desativar satélites de monitoramento de mudança climática, a Califórnia vai lançar seu próprio satélite. As políticas de Trump são ruins para o país e o mundo, mas não vai ser tão fácil fazer o estrago que ele pretende.

O presidente também prevê cortes de verbas para programas ambientais. Que danos isso pode causar?

Os cortes vão diminuir a capacidade do governo de defender a saúde das pessoas e o ambiente, e isso vai prejudicar também populações rurais carentes que votaram em Trump. Podemos esperar pior qualidade da água e do ar, mais casos de envenenamentos por tóxicos, mais doenças respiratórias, principalmente nas regiões de menor renda.

O problema vai além da área ambiental, já que o plano do governo corta também programas de saúde pública e de pesquisa médica. É o que se poderia esperar de um presidente que defendeu tirar o seguro de saúde de milhões de americanos para cortar o imposto de renda de um punhado de bilionários.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado / Colunas

Autor: Maria Cristina Frias

Título: Muy rico

A INB (Indústrias Nucleares do Brasil), estatal que fornece material combustível às usinas de Angra, busca mercado na Argentina para vender urânio enriquecido -esse é um produto de valor agregado mais alto.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado / Colunas**Autor: Maria Cristina Frias****Título: Tijolo com tijolo**

A indústria da construção consumiu quase 20% a menos de eletricidade em fevereiro deste ano, na comparação com o mesmo mês de 2016, aponta a Comerc (comercializadora de energia no mercado livre).

Foi o pior desempenho desse segmento, segundo Cristopher Vlavianos, presidente da empresa.

Outras indústrias, como a siderurgia e metalurgia, também tiveram quedas, mas não nessa dimensão.

"As empresas de cimento têm passado por diminuições constantes de consumo. É um parâmetro da construção, que ainda tinha atividade até a Olimpíada, mas que perdeu o dinamismo desde então."

MME / ASCOM .